

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC JORGE EDUARDO VARGAS SILVA

**SUBMARINOS NUCLEARES DE ATAQUE DO REINO UNIDO NA
GUERRA DAS MALVINAS EM 1982**

Rio de Janeiro

2025

CC JORGE EDUARDO VARGAS SILVA

**SUBMARINOS NUCLEARES DE ATAQUE DO REINO UNIDO NA
GUERRA DAS MALVINAS EM 1982**

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG (RM1) MAURÍCIO
LEITE DE PONTES

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2025

DECLARAÇÃO DA NÃO EXISTÊNCIA DE APROPRIAÇÃO INTELECTUAL IRREGULAR

Declaro que este trabalho acadêmico: a) corresponde ao resultado de investigação por mim desenvolvida, enquanto discente da Escola de Guerra Naval (EGN); b) é um trabalho original, ou seja, que não foi por mim anteriormente utilizado para fins acadêmicos ou quaisquer outros; c) é inédito, isto é, não foi ainda objeto de publicação; e d) é de minha integral e exclusiva autoria.

Declaro também que tenho ciência de que a utilização de ideias ou palavras de autoria de outrem, sem a devida identificação da fonte, e o uso de recursos de inteligência artificial no processo de escrita constituem grave falta ética, moral, legal e disciplinar. Ademais, assumo o compromisso de que este trabalho possa, a qualquer tempo, ser analisado para verificação de sua originalidade e ineditismo, por meio de ferramentas de detecção de similaridades ou por profissionais qualificados.

Os direitos morais e patrimoniais deste trabalho acadêmico, nos termos da Lei 9.610/1998, pertencem ao seu Autor, sendo vedado o uso comercial sem prévia autorização. É permitida a transcrição parcial de textos do trabalho, ou mencioná-los, para comentários e citações, desde que seja feita a referência bibliográfica completa.

Os conceitos e ideias expressas neste trabalho acadêmico são de responsabilidade do Autor e não retratam qualquer orientação institucional da EGN ou da Marinha do Brasil.

DEDICATÓRIA

A Deus, pela benção e presença constante em minha vida, mesmo nos momentos em que não tive a capacidade de perceber.

A minha mãe Ângela e meu pai Jorge, pelos sacrifícios e dedicação realizados para me oferecer o suporte necessário desde minha infância. Nenhum sucesso seria possível sem essa base inicial.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, o Criador de tudo, que me brindou com saúde e norteia meus caminhos dia a dia.

Aos meus companheiros da turma C-EMOS 2025, agradeço o convívio diário e amistoso durante a singradura no decorrer desse ano.

Ao Capitão de Mar e Guerra (RM1) Maurício Leite de Pontes, meu orientador e submarinista com quem tive a satisfação de operar embarcado, pelas orientações, disponibilidade e motivação em discutir cada detalhe.

Por fim, ao Capitão de Fragata (RM1) Ohara Barbosa Nagashima, meu instrutor e orientador, pelas aulas esclarecedoras de metodologia científica e constantes observações no desenvolvimento deste projeto. Ressalto sua prontidão e presteza nas respostas, que indubitavelmente facilitaram todo o processo.

*A única coisa que em algum momento me assustou durante a guerra foi o perigo
submarino.*

Winston Churchill.

RESUMO

Esta dissertação examina o emprego de Submarinos Nucleares de Ataque (SSN) pelo Reino Unido durante a Guerra das Malvinas, em 1982. O estudo tem como objetivo responder à questão central: como a Marinha do Reino Unido empregou seus SSN no conflito? Para isso, adota como referência a Doutrina da Marinha do Brasil, especialmente os conceitos do Campo de Atuação do Poder Naval Defesa Naval, relacionando as Tarefas Básicas e os Efeitos do Poder Naval. A pesquisa aborda aspectos conceituais e classificações dos submarinos, destacando a superioridade operacional dos SSN sobre unidades convencionais (SSK). Em seguida, descreve detalhadamente as ações dos HMS Spartan, Splendid e Conqueror, desde o deslocamento inicial para o Atlântico Sul até as patrulhas e operações de vigilância, ressaltando o impacto político, estratégico e operacional do afundamento do cruzador argentino ARA General Belgrano pelo HMS Conqueror, única ação letal de um SSN britânico durante a campanha. A análise das operações, estruturada por Tarefas Básicas e Efeitos do Poder Naval, evidencia que os SSN contribuíram decisivamente para a Negação do Uso do Mar ao inimigo e para a produção do Efeito de Defesa e Retomada de Ilhas Oceânicas, assegurando a supremacia marítima britânica na região. O trabalho também destaca as limitações de emprego desses meios e as restrições logísticas que condicionam a permanência prolongada em áreas distantes das bases de origem. Por fim, a dissertação aponta que a experiência britânica nas Malvinas oferece reflexões relevantes para o planejamento naval brasileiro, particularmente sobre o número e a disponibilidade de SSN necessários para garantir, de forma efetiva e sustentável, a capacidade dissuasória no entorno estratégico do país.

Palavras-chave: Submarinos Nucleares de Ataque, Defesa de Ilhas Oceânicas, Guerra das Malvinas, Negação do Uso do Mar, Argentina, Reino Unido.

ABSTRACT

Nuclear-Powered Attack Submarines of the United Kingdom: Importance during the 1982 Falklands War

This dissertation examines the employment of the United Kingdom's Nuclear-Powered Attack Submarines (SSN) during the 1982 Falklands War. The study aims to answer the central question: how did the British Navy employ its SSN in the conflict? For this purpose, it adopts as a reference the Brazilian Navy Doctrine, particularly the concepts within the Naval Power Employment Field Naval Defense, relating the Basic Naval Tasks and the Effects of Naval Power. The research addresses conceptual aspects and submarine classifications, highlighting the operational superiority of SSN over conventional units (SSK). It then provides a detailed description of the actions of HMS Spartan, HMS Splendid, and HMS Conqueror, from their initial deployment to the South Atlantic to patrol and surveillance operations, emphasizing the political, strategic, and operational impact of the sinking of the ARA General Belgrano by HMS Conqueror, the only lethal action conducted by a British SSN during the campaign. The analysis of operations, structured according to Basic Naval Tasks and Effects of Naval Power, demonstrates that SSN played a decisive role in a Sea Denial to the enemy and in producing the Effect of Defense and Recapture of Oceanic Islands, thereby ensuring British maritime supremacy in the region. The study also highlights the operational limitations of these assets and the logistical constraints affecting their prolonged presence in areas far from home bases. Finally, the dissertation suggests that the British experience in the Falklands offers valuable insights for Brazilian naval planning, particularly regarding the number and availability of SSN required to ensure, effectively and sustainably, the desired deterrence capability within the country's strategic environment.

Keywords: Nuclear-Powered Attack Submarines, Defense of Oceanic Islands, Falklands War, Sea Denial, Argentina, United Kingdom.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	-	Relação dos Efeitos do Poder Naval associados ao CAPN Defesa Naval.....	20
FIGURA 2	-	HMS SPARTAN: Atuação cronológica na Guerra das Malvinas.....	36
FIGURA 3	-	HMS SPLENDID: Atuação cronológica na Guerra das Malvinas.....	38
FIGURA 4	-	HMS CONQUEROR: Atuação cronológica na Guerra das Malvinas.....	40

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AJB	- Águas Jurisdicionais Brasileiras
ARA	- Armada da República Argentina
ASUW	- <i>Anti-Surface Warfare</i> (Guerra Antissuperfície)
ASW	- <i>Anti-Submarine Warfare</i> (Guerra Antissubmarino)
BBC	- British Broadcasting Corporation
CAPN	- Campo de Atuação do Poder Naval
EGN	- Escola de Guerra Naval
EMA	- Estado-Maior da Armada
FDM	- Fundamentos Doutrinários da Marinha
FT	- Força-Tarefa
GEC	- General Electric Company
GT	- Grupo-Tarefa
HMS	- <i>Her</i> ou <i>His Majesty Ship</i> (Navio de Sua Majestade)
ICPM	- Infraestruturas Críticas do Poder Marítimo
MB	- Marinha do Brasil
MD	- Ministério da Defesa
ONU	- Organização das Nações Unidas
OTAN	- Organização do Tratado do Atlântico Norte
PROSUB	- Programa de Desenvolvimento de Submarinos
PWR	- <i>Pressurized Water Reactor</i> (Reator de Água Pressurizada)
S	- Submarino
SSK	- <i>Ship Submersible Conventional</i> (Submarino Convencional de Ataque)
SSN	- <i>Ship Submersible Nuclear</i> (Submarino Nuclear de Ataque)
UK	- United Kingdom (Reino Unido)
USA	- United States of America (Estados Unidos da América)
USS	- <i>United States Ship</i>
ZEM	- Zona de Exclusão Marítima
ZET	- Zona de Exclusão Total

LISTA DE SÍMBOLOS

h	-	Hora
Jd	-	Jarda
m	-	Metro
MN	-	Milha Náutica (1.852 m)
nós	-	Milhas Náuticas por hora (MN/h)
km	-	Quilômetro
km ²	-	Quilômetro Quadrado
£	-	Libra Esterlina
%	-	Porcentagem
US\$	-	Dólar Americano

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	DOCTRINA DE EMPREGO DE SUBMARINOS.....	14
2.1	SUBMARINO: DEFINIÇÕES E CLASSIFICAÇÕES.....	14
2.2	TAREFAS BÁSICAS DO PODER NAVAL.....	16
2.3	EFEITOS NO CAMPO DE ATUAÇÃO DO PODER NAVAL DEFESA NAVAL.....	17
2.4	EMPREGO DE SUBMARINOS NA MARINHA DO REINO UNIDO.....	21
2.5	CONSIDERAÇÕES PARCIAIS.....	22
3	EMPREGO DOS SSN PELO REINO UNIDO NA GUERRA DAS MALVINAS..	24
3.1	INÍCIO DAS HOSTILIDADES.....	24
3.2	SSN SPARTAN NO CONFLITO.....	26
3.3	SSN SPLENDID NO CONFLITO.....	28
3.4	SSN CONQUEROR NO CONFLITO.....	29
3.5	CONCLUSÕES PARCIAIS.....	32
4	ANÁLISE DA ATUAÇÃO DOS SSN DO REINO UNIDO NO CONFLITO DAS MALVINAS	34
4.1	HMS SPARTAN – ANÁLISE DAS AÇÕES NO CONFLITO DAS MALVINAS....	34
4.2	HMS SPLENDID – ANÁLISE DAS AÇÕES NO CONFLITO DAS MALVINAS...	36
4.3	HMS CONQUEROR – ANÁLISE DAS AÇÕES NO CONFLITO DAS MALVINAS.....	38
4.4	CONCLUSÕES PARCIAIS: EMPREGO DOS SSN NO CONFLITO.....	40
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
	REFERÊNCIAS.....	47

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como propósito responder à seguinte questão: Como a Marinha do Reino Unido empregou seus submarinos nucleares de ataque durante a Guerra das Malvinas? Ao analisar o conflito, ocorrido em 1982, entre Argentina e Reino Unido, parte-se da premissa de que a presença e a atuação desses vetores navais foram decisivas para a consolidação do domínio marítimo britânico na área, embora seus resultados operacionais diretos tenham sido pontuais e, em muitos aspectos, questionáveis sob a ótica do efeito militar alcançado.

O propósito principal da pesquisa é a avaliação crítica das ações empreendidas pelos SSN britânicos no teatro de operações do Atlântico Sul, em particular os submarinos HMS Spartan, HMS Splendid e HMS Conqueror, por serem os três submarinos nucleares que tiveram suas ações devidamente relatadas e comprovadas no conflito. Será avaliado como essas plataformas foram empregadas segundo suas capacidades de emprego e qual a influência de suas presenças e atuações no desfecho do conflito. A análise considera, ainda, os desafios impostos pelo ambiente operacional, como profundidade nas áreas de operações e distância entre o Reino Unido e a região do conflito.

Do ponto de vista metodológico, adota-se um desenho analítico, decompondo no tempo, por Tarefas e Efeitos do Poder Naval, a fim de examinar o emprego dos submarinos nucleares de ataque do Reino Unido durante a Guerra das Malvinas, em 1982. Busca-se, com isso, compreender de que forma essas ações podem influenciar o planejamento de defesa em cenários similares, o que fundamenta a relevância da presente pesquisa.

Nessa perspectiva, esta dissertação adota como referência a Doutrina da Marinha do Brasil, conforme exposta no documento “Fundamentos Doutrinários da Marinha”¹, tomando como base os conceitos de Tarefas Básicas e Efeitos do Poder Naval. Esse referencial permite decompor analiticamente o emprego dos SSN britânicos, interpretando suas ações à luz da doutrina aplicável ao Campo de Atuação do Poder Naval denominado Defesa Naval, no qual os submarinos são intimamente relacionados.

¹ BRASIL. Marinha. Estado-Maior da Armada. **EMA-301**: Fundamentos Doutrinários da Marinha (FDM). 1. ed. Brasília, DF: EMA, 2023.

O Capítulo 2, portanto, apresenta os fundamentos teóricos para emprego, com destaque para classificações, capacidades operacionais e o enquadramento doutrinário das tarefas com os respectivos efeitos que podem ser atribuídos a esses meios. É nesse capítulo que se estabelece a ponte entre a doutrina brasileira e o estudo de caso analisado, permitindo, mais adiante, avaliar a atuação britânica com base em parâmetros doutrinários consistentes.

O Capítulo 3 trata do relato das principais ações realizadas pelos SSN britânicos durante o conflito. Detalha-se o deslocamento, o posicionamento e as atribuições específicas de cada unidade, com destaque para o impacto causado pelo afundamento do cruzador ARA General Belgrano pelo HMS Conqueror, o único ataque letal registrado por submarinos britânicos durante a campanha.

No Capítulo 4, realiza-se a avaliação crítica das ações descritas no capítulo anterior, estruturando a avaliação por tipo de Tarefa Básica do Poder Naval e seus respectivos Efeitos. Essa decomposição permite verificar a adequação doutrinária do emprego dos submarinos, evidenciando quais Efeitos foram de fato produzidos pelas ações dos SSN no teatro de operações. A análise identifica, por exemplo, que a simples presença dos submarinos contribuiu significativamente para a produção de Efeitos como a Negação do Uso do Mar.

Por fim, o Capítulo 5 apresenta as considerações finais, sintetizando os principais achados da pesquisa. Conclui-se que, apesar das limitações operacionais identificadas, como dificuldades de atuação em águas rasas e autonomia logística finita, os SSN britânicos foram vetores estratégicos fundamentais para a imposição de superioridade marítima durante o conflito. Contudo, ressalta-se que essa dissuasão, embora eficaz no curto prazo, dependeria de um aparato mais robusto e integrado para sustentar-se ao longo de um conflito prolongado.

A presente dissertação, ao realizar um estudo de caso ancorado em referencial doutrinário claro, contribui para o entendimento do papel dos submarinos nucleares no combate naval moderno, e oferece subsídios para reflexões acerca da aplicação dessas capacidades pela Marinha do Brasil.

2 DOCTRINA DE EMPREGO DE SUBMARINOS

Para o desenvolvimento deste estudo, será adotada uma fundamentação teórica com o intuito de analisar o emprego dos submarinos nucleares de ataque da Marinha do Reino Unido durante o conflito das Malvinas, ocorrido em 1982. Inicialmente, o termo “submarino” e a classificação adotada neste trabalho serão definidos. Em seguida, será explorada a forma de emprego desses meios navais à luz da Doutrina da Marinha do Brasil, conforme estabelecido nos Fundamentos Doutrinários da Marinha do Brasil (FDM), publicados pelo Estado-Maior da Armada em 2023 (EMA 301), estabelecendo-se um paralelo com os empregos desses submarinos pela Armada do Reino Unido.

No decorrer da construção do referencial teórico, que servirá de base à análise do conflito, serão abordadas as principais tarefas atribuídas aos submarinos, bem como os respectivos Efeitos do Poder Naval a elas relacionados. Ao final deste capítulo, serão apresentadas as devidas considerações parciais.

2.1 SUBMARINO: DEFINIÇÕES E CLASSIFICAÇÕES

Numa definição geral, submarino é qualquer embarcação naval capaz de se propelir tanto submerso quanto na superfície². Numa conceituação mais histórica, temos o conceito de embarcação submersível, que remonta ao século XVII, sendo que o primeiro submarino considerado operacional foi o Turtle. Desenvolvido em 1775 durante a Guerra da Independência dos Estados Unidos, foi uma criação de David Bushnell, na tentativa de explodir a quilha³ do HMS Eagle, atracado em Nova Iorque. Essa foi, portanto, a primeira aplicação prática da guerra submarina⁴, observa-se então que em um conceito mais bélico, submarino é todo submersível autopropulsado com, no mínimo, uma capacidade residual de combate⁵.

² ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. **Submarine: naval vessel**. Disponível em: <https://www.britannica.com/technology/submarine-naval-vessel>. Acesso em: 7 maio 2025.

³ Quilha: peça da estrutura da embarcação, disposta longitudinalmente na parte mais inferior e à qual se prendem todas as grandes peças verticais da ossada que estruturam o casco (HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em: 19 jun. 2025).

⁴ HORTON, Edward. **The illustrated history of the submarine**. London: Phoebus Publishing Company, 1974, p. 8-10.

⁵ NATO. STANAG 1166 (Edition 6): **Standard Ship Designator System**. Brussels: Military Agency for Standardization, 2000. p. A-1.

No entanto, os submarinos convencionais como armas de guerra ganharam destaque no início do século XX, especialmente durante a Primeira e Segunda Guerra Mundial. Já no período da Guerra Fria⁶, o advento dos submarinos nucleares marcou o início de uma nova era a partir do lançamento do USS Nautilus, pela Marinha dos Estados Unidos, em 1954. Ele foi o primeiro submarino a ser propulsionado por energia nuclear, marcando uma revolução estratégica na guerra naval⁷.

Atualmente, os submarinos são classificados conforme o tipo de propulsão e de armamento empregado. Para essa pesquisa, adotaremos o modelo da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), que é a seguinte:

SSK (*Submarine, Patrol*)⁸: Submarino de patrulha de longo alcance com propulsão não nuclear, ou seja, convencional com emprego de grupos diesel-elétrico ou independente do ar (células de combustível, motor *stirling* ou motor de ciclo fechado). Pode ter como função principal a guerra antissuperfície ou antissubmarino, com emprego de mísseis táticos e torpedos pesados.

SSN (*Submarine, Attack, Nuclear*)⁹: Submarino de ataque com propulsão nuclear, com capacidade tanto antissubmarino quanto antissuperfície, com emprego de mísseis táticos e torpedos pesados.

SSGN (*Submarine, Attack, Guided Missile, Nuclear*)¹⁰: Submarino equipado com mísseis do tipo superfície-superfície ou submarino-superfície, com propulsão nuclear. Pode ser utilizado para ataques em grande escala contra alvos em terra. Para tal, pode empregar mísseis táticos, de cruzeiro e balísticos, além dos torpedos pesados.

SSBN (*Submarine, Ballistic, Missile, Nuclear*)¹¹: Submarino armado com mísseis balísticos, normalmente empregado em missões estratégicas, com propulsão nuclear.

Nesse contexto, a classificação adotada pela OTAN fornece uma padronização útil para fins doutrinários e comparativos, sobretudo quando se busca compreender o

⁶ Guerra Fria: “conflito de meio século entre duas superpotências com ideologias incompatíveis e com visões opostas sobre como organizar os assuntos humanos — cada uma das quais tinha a capacidade de destruir o mundo, mas não a ousadia de usá-la.” (GADDIS, John Lewis. **A Guerra Fria: uma nova história**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007. p. 25).

⁷ FRIEDMAN, Norman. **U.S. Submarines Since 1945: An Illustrated Design History**. Annapolis: Naval Institute Press, 1994, p. 109–130.

⁸ NATO, 2000, p. B-1.

⁹ NATO, 2000, p. B-1.

¹⁰ NATO, 2000, p. B-1.

¹¹ Brasil, 2023, p. 2-12.

papel desses vetores no equilíbrio do poder naval contemporâneo no conflito particular. Ao distinguir os submarinos em SSK, SSN, SSGN e SSBN, torna-se possível associar suas características técnicas às missões específicas para as quais foram concebidos, desde patrulhas convencionais até diversos outros tipos de operações.

Essa categorização revela-se essencial para a presente pesquisa, pois permitirá analisar, de forma estruturada, o emprego dos submarinos nucleares britânicos na Guerra das Malvinas. A análise seguirá numa situação subjacente à evolução histórica que possibilitou a propulsão nuclear, responsável por conferir aos submarinos uma autonomia inédita, permitindo-lhes operar mergulhados por longos períodos, ampliando exponencialmente o raio de ação e o valor dessa arma no conflito.

2.2 TAREFAS BÁSICAS DO PODER NAVAL

Entende-se que as Tarefas Básicas do Poder Naval são tarefas essenciais, expressas por grandes ações que geram os Efeitos do Poder Naval¹². Nota-se que esses Efeitos se relacionam com o CAPN Defesa Naval, em que as atividades de submarino estão intimamente relacionadas. Observa-se, ainda, que são conceituadas seis Tarefas Básicas do Poder Naval, conforme abaixo:

a) Negar o Uso do Mar¹³: Consiste em impedir que forças inimigas utilizem regiões marítimas prioritárias. Trata-se da forma pela qual o Poder Naval exerce a negação de área, restringindo a liberdade de ação adversária.

b) Projetar Poder¹⁴: Visa projetar as expressões do Poder Nacional, seja por meio de força militar, influência diplomática/cultural ou integração de ambos, em áreas sob influência estrangeira ou mesmo em território nacional, podendo incluir ações informacionais.

c) Controlar Áreas Marítimas e Águas Interiores¹⁵: Busca garantir o uso de áreas marítimas e vias navegáveis prioritárias em alinhamento com os interesses nacionais. Também inclui o monitoramento e controle do tráfego e o exercício da

¹² Brasil, 2023, p. 2-12.

¹³ Brasil, 2023, p. 2-12.

¹⁴ Brasil, 2023, p. 2-13.

¹⁵ Brasil, 2023, p. 2-13.

soberania nas Águas Jurisdicionais Brasileiras (AJB). Pode preceder a negação do uso do mar.

d) Realizar Proteção Marítima¹⁶: Conjunto de ações coercitivas para fiscalizar leis e combater atividades ilícitas nas AJB, como crimes ambientais, transfronteiriços e outros delitos cometidos por entes não estatais.

e) Prover a Segurança da Navegação Aquaviária¹⁷: Envolve atividades técnico-administrativas voltadas à promoção da segurança da navegação nos espaços aquáticos, garantindo condições seguras para o tráfego de embarcações.

f) Contribuir para a Segurança e Desenvolvimento Nacional¹⁸: Abrange ações de cooperação com outras políticas de Estado, como defesa civil, pesquisa marítima e antártica, proteção ambiental, operações humanitárias e fortalecimento das relações exteriores e da coesão nacional.

Ressalta-se que as duas últimas Tarefas não possuem Efeitos, doutrinariamente, relacionados com o CAPN Defesa Naval¹⁹, que é, conforme comentado anteriormente, o Campo de Atuação que visa à defesa nacional contra ameaças externas, em que os submarinos são empregados.

2.3 EFEITOS NO CAMPO DE ATUAÇÃO DO PODER NAVAL DEFESA NAVAL

No sentido doutrinário, têm-se algumas definições, como os Campos de Atuação do Poder Naval (CAPN), que “definem as possibilidades de emprego da Força em alto nível, considerando as Capacidades Estratégicas e Efeitos do Poder Naval”²⁰. Sabe-se, ainda, que os Efeitos do Poder Naval são propósitos que, quando alcançados, produzem um efeito positivo em linha com um objetivo²¹.

Nesse contexto, o CAPN Defesa Naval, é aquele que trata da atuação clássica das marinhas, visando à defesa da soberania contra ameaças externas²². Com isso, é importante observar que o submarino, como arma, visa primordialmente à defesa de um país contra ameaças externas, colocando-se, dessa forma, intimamente ligado

¹⁶ Brasil, 2023, p. 2-13.

¹⁷ Brasil, 2023, p. 2-13.

¹⁸ Brasil, 2023, p. 2-13.

¹⁹ Brasil, 2023, p. 2-20.

²⁰ Brasil, 2023, p. 2-13.

²¹ Brasil, 2023, p. 2-16.

²² Brasil, 2023, p. 2-6.

aos Efeitos do Poder Naval associados ao “Campo de Atuação Defesa Naval”, sendo os seguintes Efeitos:

a) Controle de Área Marítima de Interesse²³: garantir o uso estratégico de uma área marítima para proteger interesses e impedir projeção de poder sobre o território nacional.

b) Negação do Uso de Área Marítima de Interesse²⁴: impedir que o inimigo utilize determinada região marítima prioritária, visando a negação de área.

c) Proteção de Infraestruturas Críticas do Poder Marítimo (ICPM)²⁵: proteger estruturas civis e militares essenciais ao poder marítimo, em mar, terra ou ambiente fluvial (como portos, plataformas, refinarias, usinas e estaleiros), garantindo suas operações contínuas.

d) Proteção de Linhas de Comunicação Marítimas (LCM)²⁶: assegurar o fluxo logístico marítimo, protegendo acessos a portos e embarcações, visando manter o funcionamento das capacidades nacionais.

e) Interdição das Linhas de Comunicação Marítimas (LCM)²⁷: impedir que o inimigo receba suprimentos e materiais por via marítima, necessários para sustentar ou aumentar sua capacidade de combate.

f) Defesa e Retomada de Ilhas Oceânicas Nacionais²⁸: garantir o controle operacional das ilhas oceânicas do Brasil e negar seu uso ao inimigo.

g) Neutralização de Alvos de Interesse Militar²⁹: identificar e neutralizar alvos militares em território nacional ocupado, território sob contestação ou em território estrangeiro.

h) Monitoramento e Controle do Tráfego de Embarcações³⁰: monitorar embarcações nas Águas Jurisdicionais Brasileiras, para manter a consciência situacional marítima e gerenciar riscos à ICPM, aos direitos brasileiros em suas águas e subsolos marinhos, bem como às leis, normas e regulamentos.

²³ Brasil, 2023, p. 2-17.

²⁴ Brasil, 2023, p. 2-17.

²⁵ Brasil, 2023, p. 2-18.

²⁶ Brasil, 2023, p. 2-18.

²⁷ Brasil, 2023, p. 2-18.

²⁸ Brasil, 2023, p. 2-18.

²⁹ Brasil, 2023, p. 2-18.

³⁰ Brasil, 2023, p. 2-18.

i) Garantia das Linhas de Comunicação Fluviais (LCF)³¹: proteger as rotas fluviais estratégicas utilizadas para logística militar, assegurando o trânsito seguro de suprimentos.

j) Controle de Área Terrestre de Interesse Naval³²: controlar áreas terrestres, no Brasil ou no exterior, relevantes para a atuação da Força Naval.

k) Influência no Ambiente Informacional³³: atuar sobre a informação e sua disseminação para apoiar operações e ações em andamento, além de mitigar ações antagônicas originadas de operações de influência, desinformação e propaganda adversa.

A Figura 1 relaciona, de forma didática, os diversos Efeitos do Poder Naval com as Tarefas Básicas do Poder Naval dentro do CAPN Defesa Naval.

³¹ Brasil, 2023, p. 2-18.

³² Brasil, 2023, p. 2-19.

³³ Brasil, 2023, p. 2-19.

Figura 1: Relação dos Efeitos do Poder Naval associados ao CAPN Defesa Naval

DEFESA NAVAL						
CAPN						
TBPN	Negar Uso do Mar	Projetar Poder	Controlar Áreas Marítimas e Águas Interiores	Realizar Proteção Marítima	Prover Segurança da Navegação Aquaviária	Contribuir para Segurança e Desenv. Nacional
EFEITOS DO PODER NAVAL	Negação	Controle	Controle	Proteção		
	Uso de Área Marítima de Interesse	Área Terrestre de Interesse Naval	Área Marítima de Interesse	Infraestruturas Críticas do Poder Marítimo		
	Interdição	Neutralização	Garantia	Proteção		
	Linhas de Comunicação Marítima	Alvos de Interesse Militar	Linhas de Comunicação Fluviais	Linhas de Comunicação Marítimas		
		Influência				
		Ambiente Informacional				
	Monitoramento e Controle	Monitoramento e Controle	Monitoramento e Controle	Monitoramento e Controle		
	Tráfego de Embarcações	Tráfego de Embarcações	Tráfego de Embarcações	Tráfego de Embarcações		
		Defesa e Retomada Ilhas Oceânicas				

Fonte: BRASIL. Marinha do Brasil. Estado-Maior da Armada. EMA-301: Fundamentos Doutrinários da Marinha. 1. ed. Brasília, DF: EMA, 2023, p. 2-20.

Diante desses conceitos correlacionados entre Efeitos e Tarefas Básicas do Poder Naval pode-se avaliar historicamente a atuação dos submarinos em diversos conflitos, em que se percebe a importância da arma submarina na Defesa Naval,

principalmente para cumprir a Negação do Uso de Área Marítima de Interesse, conforme observado no livro *Seapower: a guide for the twenty-first century*:

Os submarinos sempre foram os instrumentos clássicos de negação do uso do mar. Sua própria furtividade os torna particularmente eficazes em negar ao inimigo o uso livre do mar, já que as embarcações de superfície não podem ter certeza de sua localização e precisam operar com mais cautela (tradução nossa)³⁴.

Com o objetivo de tentar dimensionar, previamente, como a simples ameaça da presença de um submarino contribui substancialmente na negação de uso do mar ao inimigo e é fator de substancial importância no Efeito considerado, pode-se recorrer ao reconhecido temor imposto por ele na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), em que o Primeiro-Ministro do Reino Unido Winston Churchill chega a reconhecer que o submarino era a única ameaça que o assustou durante a guerra³⁵.

2.4 EMPREGO DE SUBMARINOS NA MARINHA DO REINO UNIDO

Avaliando os diferentes tipos de emprego dos submarinos nucleares, surgem variações relevantes entre os países. No presente estudo, contudo, a análise restringe-se aos usos atribuídos aos submarinos nucleares de ataque (SSN) da Marinha do Reino Unido, foco central da pesquisa. Além de citar o apoio aos SSBN, a lista oficial divulgada pelo Reino Unido não faz menção explícita ao desembarque de forças especiais, limitando-se a afirmar que os submarinos estariam aptos a realizar tal tarefa, caso necessário³⁶. Por outro lado, outras quatro funções são detalhadas, conforme abaixo:

a) Projetar poder sobre terra, por meio do lançamento de mísseis convencionais: exercendo ameaça antes do início das hostilidades e durante seu desenrolar, com alta precisão e com elevado poder destrutivo, permitindo ao submarino influenciar o combate terrestre³⁷.

³⁴ Do original: “Submarines have always been the classic instruments of sea denial. Their very stealth makes them particularly effective in denying the enemy the free use of the sea, since surface vessels cannot be sure of their location and must operate more cautiously.” (TILL, Geoffrey. **Seapower: a guide for the twenty-first century**. 4th ed. London: Routledge, 2018, p. 135).

³⁵ CHURCHILL, Winston S. **The Second World War: Volume II – Their Finest Hour**. London: Cassell & Co., 1949, p. 529.

³⁶ PICARD, Michel; TERTRAIS, Bruno. **La propulsion nucléaire, un savoir-faire indispensable à la souveraineté nationale**. Paris: Fondation pour la Recherche Stratégique, 2006, p. 66.

³⁷ Picard, 2006, p. 66.

b) Executar operações de Guerra Antissubmarino (ASW) e Antissuperfície (ASUW): considerado o papel mais importante do submarino nuclear de ataque, por sua incomparável capacidade de detectar e destruir submarinos que representem uma ameaça para as forças amigas, além da capacidade de atacar forças de superfície. Essas capacidades podem ser utilizadas quando o SSN opera isolado ou integrado a uma força naval, podendo ser utilizado como suporte às forças navais³⁸.

c) Monitorar forças antagônicas: aproximar das forças adversárias para controlar suas operações e movimentos sem ser detectado, podendo incluir, por exemplo, a tomada de fotografias em imersão, sem que o submarino possa ser localizado³⁹.

d) Efetuar reconhecimento de costa: Realizar vídeo e fotografia digital, oferecendo uma contribuição muito significativa para o planejamento e operações combinadas no mar e em terra⁴⁰.

Nesse contexto, considera-se que as Tarefas Básicas do Poder Naval, correlacionadas aos Efeitos inerentes ao Campo de Atuação “Defesa Naval”, conforme definido na Doutrina da Marinha do Brasil, sustentam de maneira convergente os princípios de emprego atribuídos aos SSN pela Marinha do Reino Unido. Ao delimitar o escopo desta pesquisa à atuação dos submarinos nucleares britânicos, constata-se uma ampla versatilidade operacional, com capacidade para executar desde funções tradicionais de guerra antissubmarino e antissuperfície até missões de inteligência e apoio ao planejamento — mesmo que algumas dessas atribuições não estejam explicitamente descritas nas publicações oficiais não sigilosas. A compreensão dessas tarefas é fundamental para avaliar, à luz da doutrina e da experiência prática, o papel desempenhado pelos SSN do Reino Unido no contexto da Guerra das Malvinas. A Figura 1 relaciona, de forma didática, os diversos Efeitos do Poder Naval com as Tarefas Básicas do Poder Naval dentro do CAPN Defesa Naval.

2.5 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

³⁸ Picard, 2006, p. 66.

³⁹ Picard, 2006, p. 66.

⁴⁰ Picard, 2006, p. 66.

Para os fins desta pesquisa, propõe-se a realização de uma decomposição analítica do emprego dos submarinos nucleares de ataque do Reino Unido durante a Guerra das Malvinas, com foco na identificação das distintas Tarefas Básicas executadas e dos respectivos Efeitos do Poder Naval decorrentes.

Conforme exposto anteriormente, essa análise será conduzida à luz das Tarefas Básicas do Poder Naval vinculadas ao Campo de Atuação Defesa Naval, conforme delineado na Doutrina da Marinha do Brasil. Adota-se, assim, de forma objetiva e metodologicamente fundamentada, tal Doutrina como referência classificatória para as Tarefas observadas no contexto do conflito, reconhecendo-se, inclusive, a possibilidade de que uma mesma Tarefa possa contribuir simultaneamente para a produção de múltiplos Efeitos do Poder Naval.

3 EMPREGO DOS SSN PELO REINO UNIDO NA GUERRA DAS MALVINAS

3.1 INÍCIO DAS HOSTILIDADES

A Guerra das Malvinas, deflagrada em 1982, foi um conflito armado envolvendo a Argentina e o Reino Unido pela disputa de poder das Ilhas Malvinas, situadas no Atlântico Sul. Para entender o conflito é preciso remontar ao século XIX, mais precisamente em 1833, quando o Reino Unido estabeleceu domínio sobre o arquipélago, expulsando autoridades argentinas. Desde então, a Argentina reivindica a posse das ilhas, argumentando que constituem parte integrante de seu território nacional.

No final da década de 1970 e início dos anos 1980, a Argentina enfrentava uma profunda crise econômica e política sob o regime militar, com inflação anual em 1976 chegando a 600 %⁴¹. Em 2 de abril de 1982, o conflito iniciou quando tropas argentinas desembarcaram nas ilhas, a cerca de 480 km a leste da costa portenha, assumindo o controle do território. Isso ocorreu diante de um contexto de instabilidade interna, em que o governo argentino buscava reforçar sua legitimidade e fomentar o sentimento nacionalista⁴².

Diante desse cenário, o governo britânico, sob a liderança da Primeira-Ministra Margaret Thatcher⁴³, organizou uma força-tarefa naval para responder à agressão. Foi iniciada, então, a Operação Corporate, que envolveu o deslocamento de uma frota naval britânica, composta por Navios Aeródromos, destróieres, fragatas, navios de apoio logístico, navios anfíbios e submarinos nucleares⁴⁴, que percorreram aproximadamente 12.000 quilômetros até a zona de conflito no Atlântico Sul.

Antes da chegada de toda a força-tarefa britânica à região, submarinos nucleares de ataque (SSN) foram enviados visando estabelecer presença dissuasória e coleta de informações de inteligência. O primeiro submarino nuclear britânico a ser enviado foi o HMS Spartan, desatracando de Gibraltar em 1º de abril de 1982, um dia

⁴¹ MARSH, Sarah. In Buenos Aires and Brian Winter in São Paulo; editing by Richard Lough and Jonathan Oatis. **Chronology: Argentina's turbulent history of economic crises**. Reuters. Disponível em: www.reuters.com/article/business/chronology-argentinas-turbulent-history-of-economic-crises-idUSKBN0FZ23N/. Acesso em: 28 fev. 2025.

⁴² ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. **Falkland Islands War**. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Falkland-Islands-War>. Acesso em: 13 jun. 2025.

⁴³ Margaret Thatcher: serviu por 3 mandatos consecutivos como Primeira-Ministra britânica de 1979 a 1990 (Encyclopaedia Britannica, 2025, tradução nossa).

⁴⁴ MIDDLEBROOK, Martin. **The Falklands War**. [S.l.]: Pen & Sword Military, 2012. Apêndice 1. Disponível em: <https://www.perlego.com/book/2446722>. Acesso em: 13 jun. 2025.

antes da invasão argentina. Em seguida, o HMS Splendid e o HMS Conqueror saíram de Faslane, Escócia, posicionando-se antes da chegada dos principais navios de superfície da Força-Tarefa⁴⁵.

Dentre os submarinos nucleares de ataque disponíveis à Marinha do Reino Unido durante a Guerra das Malvinas, o HMS Valiant (S102) e o HMS Courageous (S50), ambos da classe *Valiant*, são mencionados em algumas fontes, com diferentes níveis de confirmação quanto às suas efetivas atuações. No livro *Battle Atlas of the Falklands War*⁴⁶, por exemplo, o Valiant é listado entre os submarinos que teriam chegado ao Atlântico Sul na segunda quinzena de maio de 1982, enquanto o Courageous aparece acompanhado de um ponto de interrogação, o que sugere incertezas sobre sua presença na área de conflito e datas de operação⁴⁷.

Além disso, a atuação direta desses dois SSN na área de operações não é detalhada por diversas outras fontes relevantes, provavelmente em razão de não terem participado de ações significativas na área de maior interesse antes da rendição argentina, em 14 de junho. É pertinente a observação presente no livro *The Falklands War*⁴⁸, onde é relatado que os SSN Valiant, Congerous e o SSK Onyx, submarino diesel elétrico da classe Oberon, foram enviados ao Atlântico sul, mas incorporaram tardiamente à Força-Tarefa, sem a apresentação de datas claras de desatracação ou deslocamento. O Onyx, por sua vez, inicialmente seria utilizado para lançar equipes da *Special Boat Service (SBS)*⁴⁹ nas Malvinas⁵⁰, mas esta ação foi cancelada em 03 de junho, portanto essa atividade não foi executada⁵¹.

Há um relato que associa o Valiant ao possível reporte de contatos em 08 de junho⁵², nas imediações de Río Grande, importante ilha da Terra do Fogo na Argentina, mas sem detalhes adicionais. Outro registro menciona atividades do Valiant e do Courageous em 12 de junho, respectivamente nas regiões próximas a Río Grande e ao norte da Zona de Exclusão Total (ZET), relacionadas à detecção de sinais

⁴⁵ WOODWARD, Sandy; ROBINSON, Patrick. **One Hundred Days**: The Memoirs of the Falklands Battle Group Commander. London: HarperCollins, 1992, p. 95.

⁴⁶ SMITH, Gordon. **Battle Atlas of the Falklands War 1982**: by land, sea and air. Penarth: Naval-History.Net, 2006. Publicado originalmente por Ian Allan, 1989. Revisado em 2006. p. 36.

⁴⁷ Smith, 1989, p.36.

⁴⁸ Middlebrook, 2012, p. 183 e 402.

⁴⁹ *Special Boat Service (SBS)* é uma força especial da Marinha do Reino Unido, com foco em infiltrações costeiras, vigilância marítima e apoio a operações anfíbias. Atua sob o Comando de Forças Especiais do Reino Unido e tem origem na Segunda Guerra Mundial.

⁵⁰ Middlebrook, 2012, p. 183.

⁵¹ Woodward; Robinson, 1992, p. 415.

⁵² Middlebrook, 2012, p. 304.

de radar de aeronaves, entre outras ações executadas na véspera e após o fim das hostilidades⁵³.

Diante da escassez de registros históricos mais precisos sobre as atuações dos submarinos Valiant, Courageous e Onyx, além das atuações do Valiant e Congerous terem ocorrido na véspera e posteriormente à rendição argentina, não serão analisadas as atividades e possíveis Efeitos das ações desses meios, evitando distorção de dados, cometimento de possíveis inveracidades ou prejuízos analíticos.

Por outro lado, embora o foco deste estudo recaia sobre os submarinos nucleares de ataque britânicos, é pertinente registrar a previsão inicial de emprego do Onyx para lançamento de agentes de forças especiais, uma vez que os SSN britânicos apresentavam limitações para operar em águas rasas. À época, o Reino Unido praticamente não divulgou dados sobre as atividades do Onyx. Segundo artigo da revista *Proceedings*⁵⁴, ocorreu apenas uma citação em um relatório da Marinha dos Estados Unidos mencionando que as forças especiais britânicas foram infiltradas por helicóptero, embarcações leves ou submarino, não sendo especificado, contudo, se essa última modalidade chegou a ser efetivamente utilizada, mas essa hipótese foi negada posteriormente por outra fonte, conforme comentado acima.

3.2 SSN SPARTAN NO CONFLITO

O HMS Spartan (S105), era um submarino nuclear de ataque, comissionado em 1979, pertencia à classe *Swiftsure*, composta por submarinos nucleares de ataque desenvolvidos pela Royal Navy durante a Guerra Fria, especificamente projetados para operações de negação de área e vigilância submarina. Conforme documentado no⁵⁵, os submarinos dessa classe possuíam deslocamento submerso de 4.500 toneladas, comprimento de 82,9 metros e eram propulsionados por um reator Rolls-Royce PWR acoplado a duas turbinas GEC, conferindo velocidade submersa superior a 30 nós. Essa propulsão nuclear oferecia capacidade de operação submersa por períodos prolongados, limitada essencialmente por fatores humanos e logísticos. O armamento padrão incluía 5 tubos lançadores de torpedos e uma dotação máxima de

⁵³ Woodward; Robinson, 1992, p. 429 e 441.

⁵⁴ UNITED STATES NAVAL INSTITUTE. A different angle of attack. **Proceedings**, Annapolis, v. 123, n. 8, ago. 1997. Disponível em: <https://www.usni.org/magazines/proceedings/1997/august/different-angle-attack>. Acesso em: 13 jun. 2025.

⁵⁵ JANE'S FIGHTING SHIPS. 1982–83. London: **Jane's**, Information Group, 1982, p. 546.

até 20 torpedos. Para emprego nos submarinos, a Marinha do Reino Unido tinha a disposição os Tigerfish Mk 24 Mod 2⁵⁶, guiados a fio, capazes de engajar tanto alvos de superfície quanto alvos submarinos, bem como os torpedos de contato Mk 8 Mod 4⁵⁷, uma arma mais antiga, mas ainda em uso na frota britânica da época⁵⁸.

Em resposta à iminente invasão argentina das Ilhas Malvinas, o HMS Spartan era o único submarino efetivamente à disposição para ser empregado imediatamente, portanto recebeu ordens para desatracar de Gibraltar em 1º de abril de 1982, após retorno do Exercício Springtrain⁵⁹. Desembarcou seus torpedos de exercícios e recebeu torpedos de combate do HMS Oracle⁶⁰, que operava com o Spartan no referido exercício, tornando-se a primeira unidade naval britânica a ser destacada rumo ao Atlântico Sul⁶¹.

É importante observar que o Spartan, juntamente com submarinos britânicos *Splendid* e *Conqueror* chegaram ao Atlântico Sul por volta de 11 de abril. O *Conqueror* foi direcionado à Geórgia do Sul, enquanto o Spartan e o *Splendid* assumiram posições estratégicas ao redor das Malvinas, com o Spartan tendo ficado responsável por patrulhar os acessos ao Porto Stanley e o *Splendid* pela área entre a costa argentina e as ilhas. Estima-se que o comandante do Spartan tenha sido o primeiro militar britânico a avistar as ilhas ocupadas, no dia 12 de abril⁶².

Especificamente a missão inicial do HMS Spartan consistiu em patrulhar os arredores da recém-estabelecida Zona de Exclusão Marítima (ZEM)⁶³, dotado de sensores para vigilância acústica e eletrônica, o Spartan foi empregado também em atividades de coleta de assinaturas sonoras e acompanhamento de operações aéreas inimigas, em especial aos padrões de decolagem e movimentação de aeronaves da

⁵⁶ Tipo de torpedo com sistema de autoguiagem.

⁵⁷ Tipo de torpedo sem sistema de autoguiagem e de percurso, durante o ataque, de corrida reta.

⁵⁸ Jane's Fighting Ships, 1982, p. 546.

⁵⁹ Springtrain era um exercício anual realizado pela Marinha do Reino Unido. No ano de 1982, ao largo de Casablanca, Marrocos, dezesseis navios de guerra britânicos da 1ª Flotilha estavam participando do exercício. Alguns meios foram deslocados a partir desse exercício para atuação na Guerra das Malvinas (Middlebrook, 2012, p. 70).

⁶⁰ HMS *Oracle* (S 16) era um submarino convencional diesel elétrico da Marinha do Reino Unido, pertencente à classe Oberon, comissionado em 1963, ainda em operação no ano de 1982 (Jane's Fighting Ships, 1982-1983, p. 548).

⁶¹ Woodward; Robinson, 1992, p. 95.

⁶² Middlebrook, 2012, p. 98.

⁶³ A Zona de Exclusão Marítima (ZEM) é uma delimitação estabelecida por um Estado beligerante com o objetivo de controlar ou restringir o tráfego marítimo em determinada área durante um conflito armado. No contexto da Guerra das Malvinas, o Reino Unido instituiu, em 12 de abril de 1982, uma ZEM com raio de 200 milhas náuticas a partir das ilhas, advertindo que quaisquer navios de guerra ou aeronaves militares argentinos que ingressassem nessa área estariam sujeitos a ataques.

Força Aérea Argentina, compensando a limitação dos radares britânicos de longo alcance, fornecendo informações de inteligência às forças britânicas⁶⁴. Durante esse período, o submarino operou de forma contínua nas imediações das Ilhas Malvinas, contribuindo diretamente para o bloqueio naval imposto pelo Reino Unido e dificultando o movimento de unidades navais argentinas⁶⁵. O Spartan chegou a detectar o Navio de Desembarque Cabo San Antonio⁶⁶, da Marinha Argentina, que foi acompanhado ao largo de Stanley por quatro dias consecutivos, aparentemente realizando o lançamento de minas, mas o Spartan não obteve permissão para atacar, provavelmente para que se mantivesse oculta a presença do submarino, aguardando alvos de maior valor ou, ainda, com a pretensão de se chegar a uma solução diplomática naquele momento inicial do conflito⁶⁷.

Após o cessar das hostilidades, com a rendição argentina em 14 de junho de 1982, o HMS Spartan iniciou sua travessia de retorno. Ele chegou ao porto de Plymouth em 24 de junho de 1982, encerrando uma missão de quase três meses no Atlântico Sul⁶⁸.

3.3 SSN SPLENDID NO CONFLITO

O HMS Splendid (S106), comissionado em 1979, também pertencia à classe Swiftsure, assim como seu submarino-irmão HMS Spartan, possuindo, portanto, as mesmas características⁶⁹.

Com o agravamento da crise diplomática entre Argentina e Reino Unido no final de março de 1982, o HMS Splendid foi destacado com urgência para integrar a resposta britânica. No dia 1º de abril, o submarino foi retirado de operações no Atlântico Norte e rapidamente reabastecido em Faslane, de onde zarpou no mesmo

⁶⁴ MILITARY HISTORY CHRONICLES. **Submarine Intelligence in the Falklands War**. 2022.

Disponível em: <https://militaryhistorychronicles.subs/intel-falklands>. Acesso em: 25 jun. 2025.

⁶⁵ FALKLANDS AIR WARFARE. **The air war in the South Atlantic**: strategic impact of naval assets. London: Defence Studies Group, 2012. Acesso em: 25 jun. 2025.

⁶⁶ O Navio de Desembarque Cabo San Antonio, era um ex-navio estadunidense, transportava dezenove veículos anfíbios e compunha a Força-Tarefa 40, que era a Força de Desembarque da Argentina, sob comando do Contra-Almirante Jorge Allara (Middlebrook, 2012, p. 41).

⁶⁷ Middlebrook, 2012, p. 98.

⁶⁸ MERCO PRESS. **Falklands 40 years**: HMS Spartan, first British submarine to arrive in war zone, returned to Plymouth ten days after Argentine surrender. MercoPress, 24 jul. 2022. Disponível em: <https://en.mercopress.com/2022/07/24/falklands-40-years-hms-spartan-first-british-submarine-to-arrive-in-war-zone-returned-to-plymouth-ten-days-after-argentine-surrender>. Acesso em: 13 jun. 2025.

⁶⁹ Jane's Fighting Ships, 1982, p. 546.

dia que o HMS Spartan, rumo ao Atlântico Sul. Ambos foram os primeiros submarinos britânicos a seguir para a zona de conflito⁷⁰.

A chegada do HMS Splendid ao teatro de operações ocorreu por volta de 11 de abril de 1982. Inicialmente, foi destacado para patrulhar a região entre a costa da Argentina e as Ilhas Malvinas, assumindo uma posição estratégica para detecção de navios e possíveis movimentos de forças argentinas em direção às ilhas. Com o posicionamento da Força-Tarefa britânica no Atlântico Sul, o Splendid assumiu em 28 de abril uma nova área de patrulha a nordeste do arquipélago, enquanto o Spartan seguiu para o noroeste⁷¹.

No final de abril, o HMS Splendid realizou monitoramento direto de unidades navais argentinas. No dia 29 de abril, o submarino teve contato visual com destróieres argentinos do tipo Type 42, e repassou essas informações ao Comando em Northwood^{72 73}. O emprego do submarino fazia parte do esforço de vigilância da Marinha do Reino Unido, que buscava antecipar movimentações da Armada Argentina.

Apesar de sua atuação próxima ao grupo do Navio-Aeródromo argentino Veinticinco de Mayo, o Splendid não conseguiu detectá-lo⁷⁴, embora tenha avistado seus escoltas. Após a decisão do nível político em 02 de maio, de alterar as regras de engajamento britânicas que autorizavam o ataque ao HMS Belgrano, havia também a possibilidade de ataque ao Veinticinco de Mayo, caso tivesse sido detectado no mesmo período que o HMS Belgrano, e seria, ainda, o alvo prioritário dos submarinos nucleares, por ser uma unidade de maior valor⁷⁵.

Durante o restante do conflito, o HMS Splendid continuou desempenhando funções de vigilância e patrulha na ZEM, não havendo registros de lançamentos de torpedos ou de ações ofensivas diretas.

3.4 SSN CONQUEROR NO CONFLITO

⁷⁰ Middlebrook, 2012, p. 65

⁷¹ Woodward; Robinson, 1992, p. 145.

⁷² Northwood é um distrito de Londres, onde localizava o quartel-general e eram tomadas as decisões finais em relação ao conflito (Woodward; Robinson, 1992, p. 15).

⁷³ Middlebrook, 2012, p. 146.

⁷⁴ Woodward; Robinson, 1992, p. 16.

⁷⁵ Middlebrook 2012, p. 147.

O HMS Conqueror (S48) era um submarino nuclear de ataque, comissionado em 1971, da classe Churchill e pertencente à primeira geração de submarinos de propulsão nuclear construídos pela marinha britânica. O Conqueror possuía um deslocamento submerso de 4.900 toneladas, comprimento de 87 metros e era impulsionado por um reator *Rolls-Royce* PWR1. A velocidade em imersão superava 28 nós, com autonomia limitada apenas por fatores humanos e logísticos. Possuía 6 tubos de torpedos e podia carregar até 26 torpedos, incluindo o Mk 8 Mod 4 e o Tigerfish Mk 24 Mod 2, guiado por fio, ambos já descritos anteriormente⁷⁶.

O HMS Conqueror foi designado para o conflito logo após o início das hostilidades. Ele desatracou de Faslane em 4 de abril de 1982, levando a bordo membros do SBS e navegou rumo ao Atlântico Sul com o objetivo inicial de apoiar operações na região da Geórgia do Sul. Sua chegada ao teatro de operações ocorreu em 11 de abril, mesmo período dos submarinos Spartan e Splendid. As ordens iniciais recebidas previam missão de patrulha e vigilância no setor sul das Ilhas Malvinas e águas adjacentes⁷⁷.

O HMS Conqueror já se encontrava nas imediações da Geórgia do Sul desde o dia 12 de abril de 1982, executando missões de patrulha, embora não tenha detectado nenhum contato relevante nesse período, apesar de ter recebido informações de que um submarino argentino (ARA Santa Fé) estava na região. Em 19 de abril, o submarino se aproximou da costa norte da ilha com o intuito de realizar reconhecimento visual da área. A hipótese anteriormente difundida de que o Conqueror teria desembarcado um destacamento de forças especiais SBS naquela ocasião foi posteriormente refutada pelas autoridades britânicas. O Conqueror permaneceu em patrulha nas proximidades da ilha Geórgia do Sul ao longo de toda a operação de retomada⁷⁸.

Durante os dias finais de abril e início de maio, o HMS Conqueror passou a monitorar a movimentação do cruzador argentino ARA General Belgrano, que navegava entre Tierra del Fuego e as Malvinas. A embarcação argentina mantinha-se fora da ZEM estabelecida pelo Reino Unido, porém seu posicionamento, ao sul da força-tarefa britânica, somado à presença do Navio Aeródromo argentino Veinticinco

⁷⁶ Jane's Fighting Ships, 1982-83, p. 547.

⁷⁷ Middlebrook, 2012, p. 66.

⁷⁸ Middlebrook, 2012, p. 104.

de Mayo ao norte, foi interpretado como um movimento de pinça pelas autoridades britânicas, oferecendo um elevado risco à Força-Tarefa⁷⁹.

O Conqueror manteve contato visual com o Belgrano desde a tarde de 1º de maio, reportando continuamente seus movimentos para o almirantado britânico e para o Comandante da Força-Tarefa Contra-Almirante Woodward⁸⁰. As regras de engajamento então vigentes não autorizavam ataques contra o cruzador, mas diante do agravamento da ameaça, o Almirante Woodward solicitou ao Gabinete de Guerra, em Londres, autorização para engajar o alvo. A decisão foi tomada em caráter emergencial em 2 de maio de 1982, autorizando o ataque contra qualquer navio de guerra argentino⁸¹. Pouco depois, o HMS Conqueror lançou três torpedos Mk 8 contra o ARA General Belgrano, dois dos quais atingiram o alvo, provocando o seu afundamento em menos de uma hora. Esta foi a única ação de combate letal realizada por submarino nuclear durante o conflito⁸².

Após o ataque, o Conqueror adotou uma série de manobras evasivas e retirou-se temporariamente da área de operações. Posteriormente, retomou atividades de patrulha e vigilância até o final do conflito. A ação ofensiva do HMS Conqueror ao afundar o ARA General Belgrano teve impactos operacionais profundos sobre a estrutura naval da Argentina, provocando uma retração estratégica definitiva da ARA:

Os benefícios operacionais para os britânicos foram indiscutíveis. Os navios de guerra de superfície argentinos jamais voltaram a se afastar da plataforma continental ao longo da costa interna, onde a profundidade era insuficiente para a operação dos submarinos britânicos. A tripulação do Conqueror não apenas afundou o segundo maior navio da Marinha Argentina, como também neutralizou o único porta-aviões e diversas embarcações menores. As aeronaves navais foram transferidas do porta-aviões para bases em terra e, posteriormente, participaram de ações intensas, porém em distâncias que as colocavam em desvantagem. Até mesmo a pequena força de submarinos da Argentina teve desempenho limitado. Seus dois submarinos alemães do tipo 209, pequenos e silenciosos, poderiam ter sido muito eficazes ao redor das Malvinas após o desembarque britânico. Eles chegaram a sair em missão, mas nunca levaram seus esforços adiante. O submarino maior, o Santa Fe, demonstrou a mesma falta de determinação. A Marinha do almirante Anaya teve, de fato, seu coração arrancado (tradução nossa)⁸³.

⁷⁹ Middlebrook, 2012, p. 147.

⁸⁰ John Forst Sandy Woodward foi o comandante do principal grupo de navios de superfície da Marinha do Reino Unido na Guerra das Malvinas, a *Task Group 318.1*, centrada nos dois porta-aviões (Middlebrook, 2012, p. 95).

⁸¹ Middlebrook, 2012, p. 147.

⁸² Woodward; Robinson, 1992, p. 179.

⁸³ Do original: “*The operational benefits to the British were undoubted. The Argentinian surface warships never again ventured away from the continental shelf along the inland coast where the water was too shallow for the British submarines to operate. The crew of Conqueror had not only sunk the second largest ship in the Argentinian Navy, they had neutralized the only aircraft-carrier and many smaller ships. The naval aircraft were transferred from the aircraft-carrier to shore bases and were later*

Esse episódio, descrito de forma clara por Martin Middlebrook, destaca os efeitos práticos do ataque sobre o comportamento naval argentino durante o restante da campanha.

3.5 CONCLUSÕES PARCIAIS

A atuação dos submarinos nucleares britânicos durante a Guerra das Malvinas envolveu principalmente três meios: HMS Spartan, HMS Splendid e HMS Conqueror. Cada um deles desempenhou funções específicas ao longo da campanha, não havendo, neste momento, a pretensão de se atribuir juízo definitivo sobre a eficácia final de suas ações.

O HMS Spartan foi o primeiro meio a ser mobilizado, partindo de Gibraltar em 1º de abril de 1982. Ao longo do conflito, atuou patrulhando a ZEM e os acessos ao Porto Stanley, tendo monitorado por quatro dias o ARA Cabo San Antonio. Apesar de não ter realizado ataques, suas tarefas incluíram coleta de informações de inteligência e vigilância constante dos movimentos inimigos.

O HMS Splendid partiu de Faslane, no mesmo dia que o Spartan, sendo inicialmente destacado para patrulhar a área entre a costa da Argentina e as Ilhas Malvinas. No dia 29 de abril, obteve contato visual com três destróieres Type 42 da Armada Argentina, repassando as informações ao Comando de Northwood. Mais tarde, reposicionou-se ao norte das ilhas e contribuiu com o esforço de vigilância, ainda que não tenha realizado ataques.

O HMS Conqueror, também mobilizado em abril, foi empregado inicialmente em missões de patrulha nas proximidades da Ilha Geórgia do Sul. Em maio, assumiu tarefas de vigilância do grupo tarefa do ARA General Belgrano. Após autorização da Primeira-Ministra Sra. Margareth Thatcher, realizou o ataque que resultou no afundamento do cruzador argentino em 2 de maio. Posteriormente, permaneceu em patrulha até o fim das hostilidades, sem outras ações ofensivas documentadas.

involved in hectic action but only at ranges which put them at a disadvantage. Even the small Argentinian submarine force achieved little. Their two small, quiet, German-built type 209s could have been very effective around the Falklands once the British landings took place. They did sail but never pressed home their efforts. The larger submarine, Santa Fe, showed the same lack of determination. Admiral Anaya's navy had truly had its heart cut out." (Middlebrook, 1992, p. 152).

Adicionalmente, registra-se que o emprego antecipado dos submarinos no conflito permitiu o reconhecimento e a vigilância da região de conflito e o monitoramento de unidades argentinas antes da chegada da força principal.

No Capítulo seguinte, será realizada uma análise da atuação dos submarinos nucleares do Reino Unido no Conflito das Malvinas, à luz dos conceitos teóricos apresentados no Capítulo 2, possibilitando uma análise crítica sobre cada ação realizada pelos submarinos relacionados.

4 ANÁLISE DA ATUAÇÃO DOS SSN DO REINO UNIDO NO CONFLITO DAS MALVINAS

Neste capítulo, serão analisadas as ações desempenhadas por cada submarino nuclear britânico no teatro de operações do Atlântico Sul, buscando identificá-las segundo os parâmetros doutrinários definidos, a fim de demonstrar a efetiva contribuição para o esforço de guerra britânico durante o conflito.

4.1 HMS SPARTAN – ANÁLISE DAS AÇÕES NO CONFLITO DAS MALVINAS

O HMS Spartan foi o primeiro navio de guerra do Reino Unido a chegar à área de operações no Atlântico Sul, sendo empregado inicialmente na coleta de dados de inteligência e no monitoramento das atividades argentinas. Sua presença antecipada, em 11 de abril, nas imediações de Porto Stanley, contribuiu diretamente para o cumprimento da Tarefa Básica de Projetar Poder, ao possibilitar o primeiro reconhecimento britânico das ilhas ocupadas e viabilizar a obtenção de dados de valor militar. Nesse contexto, evidenciou-se a contribuição para atingir o Efeito de Controle de Área Terrestre de Interesse Naval.

Durante suas patrulhas de reconhecimento, com foco na coleta de assinaturas acústicas e observações periscópicas, bem como no acompanhamento das operações aéreas argentinas, o Spartan atuou ainda no monitoramento de forças inimigas. Essas ações contribuíram para o Efeito de Defesa e Retomada de Ilhas Oceânicas Nacionais, uma vez que facilitou as operações da Força britânica que seriam desencadeadas para impedir a utilização livre das ilhas pelo adversário.

Adicionalmente, seu posicionamento antecipado próximo a Porto Stanley, onde realizou intenso monitoramento dos movimentos marítimos argentinos, contribuiu para a interferência na liberdade de manobra das unidades navais. A detecção e o acompanhamento visual do navio ARA Cabo San Antonio por quatro dias consecutivos reforçam, nesse período inicial, a contribuição do Spartan para a Tarefa de Projetar Poder, ao impedir que ações ofensivas — como uma provável minagem — ocorressem sem acompanhamento. Tal atuação evidencia a produção do Efeito de Monitoramento e Controle do Tráfego de Embarcações.

Embora tenha havido a possibilidade de engajamento direto ao San Antonio, a decisão de não atacar parece ter tido como objetivo preservar o fator surpresa e manter a ocultação do posicionamento dos submarinos britânicos.

Posteriormente, o Spartan passou a patrulhar o setor noroeste do arquipélago das Malvinas, visando cumprir a Tarefa de Negar o Uso do Mar, contribuindo para a produção de três Efeitos do Poder Naval: Negação do Uso de Área Marítima de Interesse, Interdição de Linhas de Comunicação Marítima e Monitoramento e Controle do Tráfego de Embarcações. Esses Efeitos resultaram de sua atuação em conjunto com os demais SSN britânicos na região e foram amplificados pelo afundamento do cruzador ARA General Belgrano pelo HMS Conqueror, provocando o recuo das forças navais argentinas para áreas próximas à costa continental.

Observa-se, assim, que os Efeitos produzidos na Tarefa de Negar o Uso do Mar contribuíram significativamente para o esforço de guerra britânico, viabilizando, em etapa posterior, a retomada das ilhas. Confirma-se, ainda, a expressiva contribuição do Spartan, a partir de 3 de maio até o encerramento do conflito, para o Efeito de Defesa e Retomada de Ilhas Oceânicas, no contexto da Tarefa de Projetar Poder.

A Figura 2 relaciona cronologicamente, de forma didática, os diversos Efeitos do Poder Naval com as Tarefas Básicas do Poder Naval dentro do CAPN Defesa Naval.

Figura 2: HMS SPARTAN: Atuação cronológica na Guerra das Malvinas

DATA	1 a 10ABR	11ABR	12 a 15ABR	16 a 27ABR	28ABR a 2MAI	3MAI a 14JUN
Trânsito de ida						
Área de operação						
EFEITOS DO PODER NAVAL NO CAMPO DE ATUAÇÃO "DEFESA NAVAL"						
Controle de Área Marítima de Interesse						
Negação do Uso de Área Marítima de Interesse						
Proteção de Infraestruturas Críticas do Poder Marítimo						
Proteção de Linhas de Comunicação Marítimas						
Interdição das Linhas de Comunicação Marítimas						
Defesa e Retomada de Ilhas Oceânicas Nacionais						
Neutralização de Alvos de Interesse Militar						
Monitoramento e Controle do Tráfego de Embarcações						
Garantia das Linhas de Comunicação Fluviais						
Controle de Área Terrestre de Interesse Naval						
Influência no Ambiente Informacional						
TAREFAS BÁSICAS DO PODER NAVAL						
Negar o Uso do Mar						
Projetar Poder						
Controle de Áreas Marítimas e Águas Interiores						
Realizar Proteção Marítima						

Fonte: Elaborada pelo autor.

4.2 HMS SPLENDID – ANÁLISE DAS AÇÕES NO CONFLITO DAS MALVINAS

O HMS Splendid, inicialmente posicionado entre a costa argentina e o arquipélago das Malvinas, concentrou-se na patrulha dos acessos marítimos às bases e portos inimigos, com o objetivo de realizar ações de esclarecimento e antecipar possíveis ameaças oriundas da Esquadra Argentina. Com isso, contribuiu para a sustentação operacional da Zona de Exclusão Marítima (ZEM), declarada pelo Reino Unido em 12 de abril de 1982.

Por outro lado, o Splendid não conduziu missões de observação sobre áreas terrestres ocupadas, como ocorreu com o Spartan em sua fase inicial de atuação. Após seu deslocamento para o setor nordeste, em 28 de abril, o Splendid realizou ações de esclarecimento, com observação visual e acompanhamento de destróieres argentinos do Tipo 42, informações que foram reportadas ao Comando de Northwood. Essa atividade evidenciou um nível significativo de Consciência Situacional Marítima

em sua região de patrulha na área de interesse, produzindo o Efeito de Monitoramento e Controle do Tráfego de Embarcações, contribuindo na Tarefa de Projetar Poder.

Dessa forma, embora o *Splendid*, assim como o *Spartan*, não tenha logrado êxito na detecção e, conseqüentemente, no torpedeamento de alvos de maior valor, como o Navio-Aeródromo Veinticinco de Mayo, sua atuação demonstrou não apenas relevante contribuição tática no teatro de operações, como também expressivo potencial dissuasório, decorrente de sua presença constante nas imediações do arquipélago das Malvinas. A partir de 3 de maio, o *Splendid* passou a contribuir efetivamente para os mesmos Efeitos produzidos pelo *Spartan*, vinculados às Tarefas Básicas de Negar o Uso do Mar e Projetar Poder.

A confirmação desses Efeitos pode ser observada no relato do Comandante da Força de Desembarque da Argentina, Almirante Carlos A. C. Büsser, ao declarar que tinham algumas informações de que os britânicos há vários dias haviam destacado submarinos nucleares para a área. Em seguida, o Almirante afirmou ter optado por não regressar com a Força de Desembarque a bordo dos navios argentinos, buscando alternativa, segundo suas palavras: “buscamos reduzir os riscos de que algum de nossos navios com tropas pudesse ser atacado durante o retorno” (tradução nossa)⁸⁴.

Esse testemunho corrobora a ideia de que a simples presença dos SSN britânicos na área de operações, mesmo sem a realização de ataques diretos, exerceu influência decisiva sobre o processo decisório do comando inimigo, produzindo de maneira concreta os Efeitos citados associados à doutrina de emprego do Poder Naval.

A Figura 3 relaciona cronologicamente, de forma didática, os diversos Efeitos do Poder Naval com as Tarefas Básicas do Poder Naval dentro do CAPN Defesa Naval.

⁸⁴ Do original: “*Sin embargo teníamos alguna información respecto de que los británicos desde hacía varios días habían destacado submarinos nucleares al Atlántico Sur, sin que supiéramos el lugar desde donde habían partido ni la fecha de la zarpada. Dado que nuestros buques regresarían hacia el Norte y esos submarinos presuntamente podían venir desde el Norte, con el Almirante Allara quisimos disminuir los riesgos de que un buque nuestro con tropas pudiera ser atacado durante el regreso.*” (BÜSSER, Carlos A. C. **Reflexiones y experiencias sobre la recuperación de las Malvinas**. Boletín del Centro Naval, n. 816, ene./abr, 2007, p. 85).

Figura 3: HMS SPLENDID: Atuação cronológica na Guerra das Malvinas

DATA	1 a 10ABR	11ABR	12 a 15ABR	16 a 27ABR	28ABR a 2MAI	3MAI a 14JUN
Trânsito de ida						
Área de operação						
EFEITOS DO PODER NAVAL NO CAMPO DE ATUAÇÃO "DEFESA NAVAL"						
Controle de Área Marítima de Interesse						
Negação do Uso de Área Marítima de Interesse						
Proteção de Infraestruturas Críticas do Poder Marítimo						
Proteção de Linhas de Comunicação Marítimas						
Interdição das Linhas de Comunicação Marítimas						
Defesa e Retomada de Ilhas Oceânicas Nacionais						
Neutralização de Alvos de Interesse Militar						
Monitoramento e Controle do Tráfego de Embarcações						
Garantia das Linhas de Comunicação Fluviais						
Controle de Área Terrestre de Interesse Naval						
Influência no Ambiente Informacional						
TAREFAS BÁSICAS DO PODER NAVAL						
Negar o Uso do Mar						
Projetar Poder						
Controle de Áreas Marítimas e Águas Interiores						
Realizar Proteção Marítima						

Fonte: Elaborada pelo autor.

4.3 HMS CONQUEROR – ANÁLISE DAS AÇÕES NO CONFLITO DAS MALVINAS

Diferentemente dos demais submarinos empregados no conflito, o HMS Conqueror protagonizou a única ação letal com emprego de torpedos em toda a campanha. Inicialmente designado para missões de patrulha e vigilância na região da Geórgia do Sul, o submarino teve sua atuação redirecionada para o acompanhamento do cruzador argentino ARA General Belgrano, culminando no seu afundamento em 2 de maio de 1982. Essa ação caracteriza, de forma clara, a Tarefa Básica do Poder Naval de Projetar Poder, resultando, em primeiro plano, no Efeito de Neutralização de Alvos de Interesse Militar, ao eliminar uma ameaça concreta às forças britânicas, conforme preconiza a doutrina.

A autorização política concedida pelo Gabinete de Guerra britânico para realizar o ataque fora dos limites da ZEM evidencia a intenção do Reino Unido de executar, também, a Tarefa Básica de Negar o Uso do Mar. Nesse contexto, buscava-se a

materialização do Efeito de Monitoramento e Controle do Tráfego de Embarcações, com ações voltadas ao acompanhamento de movimentações ao sul do arquipélago.

O impacto dessa ofensiva foi significativo: a Marinha Argentina optou por cessar o emprego de seus meios navais em áreas afastadas do litoral continental, promovendo uma retração definitiva. Tal decisão evidenciou um elevado grau de interdição, impedindo o uso de uma região marítima de interesse pela força antagônica, durante um período decisivo do conflito, conduzindo, conforme os conceitos doutrinários, à efetiva negação de área.

Por conseguinte, o HMS Conqueror manteve sua atuação dentro da Tarefa Básica de Negar o Uso do Mar, considerando que o Belgrano e seus escoltas poderiam apoiar ofensivas coordenadas da Armada Argentina, ameaçando a liberdade de manobra da Força-Tarefa britânica no Atlântico Sul.

O engajamento executado pelo Conqueror, seguido da retomada de suas atividades de patrulha, reforça sua contribuição, um dia antes à dos demais submarinos, para os Efeitos de Interdição das Linhas de Comunicação Marítimas, Negação do Uso de Área Marítima de Interesse e Monitoramento e Controle do Tráfego de Embarcações. Dessa forma, confirma-se a expressiva contribuição do Conqueror, já a partir de 2 de maio até o encerramento do conflito, para o Efeito de Defesa e Retomada de Ilhas Oceânicas, favorecendo tanto a disponibilidade das ilhas para o emprego operacional britânico quanto a negação de seu uso pela Argentina, no contexto da Tarefa de Projetar Poder.

A Figura 4 relaciona cronologicamente, de forma didática, os diversos Efeitos do Poder Naval com as Tarefas Básicas do Poder Naval dentro do CAPN Defesa Naval.

Figura 4 - HMS CONQUEROR: Atuação cronológica na Guerra das Malvinas

DATA	4 a 10ABR	11ABR	12 a 15ABR	16ABR a 01MAI	02MAI	3MAI a 14JUN
Trânsito de ida						
Área de operação						
EFEITOS DO PODER NAVAL NO CAMPO DE ATUAÇÃO "DEFESA NAVAL"						
Controle de Área Marítima de Interesse						
Negação do Uso de Área Marítima de Interesse						
Proteção de Infraestruturas Críticas do Poder Marítimo						
Proteção de Linhas de Comunicação Marítimas						
Interdição das Linhas de Comunicação Marítimas						
Defesa e Retomada de Ilhas Oceânicas Nacionais						
Neutralização de Alvos de Interesse Militar						
Monitoramento e Controle do Tráfego de Embarcações						
Garantia das Linhas de Comunicação Fluviais						
Controle de Área Terrestre de Interesse Naval						
Influência no Ambiente Informacional						
TAREFAS BÁSICAS DO PODER NAVAL						
Negar o Uso do Mar						
Projetar Poder						
Controle de Áreas Marítimas e Águas Interiores						
Realizar Proteção Marítima						

Fonte: Elaborada pelo autor.

4.4 CONCLUSÕES PARCIAS: EMPREGO DOS SSN NO CONFLITO

O emprego dos SSN do Reino Unido na Guerra das Malvinas revelou-se particularmente coerente com os princípios estabelecidos nos Fundamentos Doutrinários da Marinha do Brasil⁸⁵. À luz dessa perspectiva, é possível articular o Campo de Atuação do Poder Naval de Defesa Naval com as Tarefas Básicas atribuídas aos SSN e seus respectivos Efeitos do Poder Naval.

Ao se avaliarem as ações desses submarinos no conflito, é viável apresentar de forma cronológica as Tarefas Básicas executadas e os Efeitos produzidos, conforme preconiza a doutrina brasileira. Assim, as operações conduzidas pelos HMS Spartan, Splendid e Conqueror contemplaram principalmente duas Tarefas Básicas: Negar o Uso do Mar e Projetar Poder.

⁸⁵ Brasil, 2023.

No entanto, no contexto específico do CAPN Defesa Naval, duas Tarefas previstas não produziram Efeitos correlacionados durante o conflito: Controlar Áreas Marítimas e Águas Interiores e Realizar Proteção Marítima. A primeira, porque o Reino Unido não exerceu, mesmo após o afundamento do Belgrano, a liberdade plena de uso das vias marítimas. Portanto, apesar de ter ocorrido o recuo da Marinha inimiga, com a devida restrição da liberdade de ação dos meios navais argentinos após 2 de maio, não foi constatado que o Reino Unido garantiu o uso da área marítima na área de interesse, sem a presença de outras ameaças, como, por exemplo, a ameaça aérea. Portanto o exercício da soberania não ocorreu, inviabilizando a Tarefa de Controlar Áreas Marítimas. Já a segunda Tarefa, Proteção Marítima, não foi verificada na guerra por estar relacionada a ações coercitivas de fiscalização, como combate a atividades ilícitas e ambientais, conforme visto na definição teórica do item 2.2.

Ao se examinarem as particularidades de cada unidade, percebe-se que o HMS Spartan se destacou por ter sido o primeiro meio de combate britânico a realizar o reconhecimento das ilhas ocupadas, por meio de observações periscópicas nas imediações de Porto Stanley, exercendo papel relevante na fase inicial do conflito. Essas ações permitiram a contribuição considerável, naquela data inicial de 11 de abril, dos Efeitos de Controle de Área Terrestre de Interesse Naval e Defesa e Retomada de Ilhas Oceânicas Nacionais, associados à Tarefa Básica de Projetar Poder. Além disso, entre os dias 12 e 15 de abril, sua patrulha e vigilância, com o acompanhamento das atividades do navio ARA Cabo San Antonio permitiu a produção do Efeito de Monitoramento e Controle do Tráfego de Embarcações, ainda vinculado à mesma Tarefa.

Diferentemente do Spartan, quanto à Tarefa Básica de Projetar Poder, não há relatos que o Splendid tenha realizado observação relevante de ilhas, não tendo produzido o Efeito de Controle de Área Terrestre de Interesse Naval. Por outro lado, contribuiu de forma significativa para o Efeito de Monitoramento e Controle do Tráfego de Embarcações, ao acompanhar, entre 28 de abril e início de maio, unidades de superfície inimigas, como os destróieres Tipo 42. A ausência de contato com o Veinticinco de Mayo pode ser atribuída ao posicionamento do navio-aeródromo fora de sua área de patrulha naquele período.

O HMS Conqueror foi o único submarino a executar ataque letal, afundando o cruzador ARA General Belgrano fora da Zona de Exclusão Marítima. Com isso, foi o único a produzir o Efeito de Neutralização de Alvo de Interesse Militar, associado à Tarefa de Projetar Poder. Essa ação alterou o comportamento da Marinha Argentina,

que recolheu seus principais meios para áreas próximas ao continente, o que representou um ponto de inflexão na campanha.

Embora os três SSN tenham sido empregados desde o início com o propósito de cumprir a Tarefa de Negar o Uso do Mar, foi somente a partir do afundamento do Belgrano, em 2 de maio, que ela se concretizou, com o atendimento dos três Efeitos definidos no item 2.3, Figura 1. Portanto, a partir dessa data, o HMS Conqueror passou a produzir, de forma inequívoca, os Efeitos Negação do Uso de Área Marítima de Interesse, Interdição de Linhas de Comunicação Marítima e Monitoramento e Controle do Tráfego de Embarcações. Esses mesmos Efeitos passaram a ser sustentados pelos demais SSN a partir de 3 de maio, com o recuo definitivo da Armada Argentina. De maneira complementar, os HMS Spartan, Splendid e Conqueror, passaram também a contribuir, até o encerramento do conflito, para o Efeito de Defesa e Retomada de Ilhas Oceânicas Nacionais, vinculado à Tarefa de Projetar Poder.

Ressalta-se, que os HMS Spartan e Splendid, embora não tenham realizado ataques diretos contra meios navais, diferentemente do que foi executado pelo Conqueror, exerceram papéis relevantes por meio do efeito dissuasório gerado pela presença constante na área de interesse.

Conforme apontado por Lindberg e Todd⁸⁶, os submarinos do Reino Unido Spartan e Splendid, posicionados mais ao norte da ZEM, não conseguiram detectar o Navio Aeródromo argentino Veinticinco de Mayo nos dias 1º de maio e 2 de maio. Adicionalmente, os SSN do Reino Unido apresentaram limitações em águas rasas e executaram somente um ataque a navio argentino, o ARA General Belgrano. Por outro lado, tornam-se perceptíveis os efeitos estratégicos gerados pela atuação desses submarinos nucleares de ataque, exercendo uma presença dissuasória tão intensa, que compeliram os líderes argentinos em manter sua Marinha restrita às águas costeiras a partir de 2 de maio, consolidando o domínio marítimo britânico durante a campanha, que terminou com a rendição da Argentina em 14 de junho de 1982⁸⁷.

Ainda assim, é relevante assinalar que, caso o conflito se estendesse por mais tempo, o esforço naval britânico exigiria ajustes significativos. Embora os SSN apresentem grande autonomia energética, sua permanência contínua no teatro de operações é condicionada por fatores logísticos, principalmente o suprimento de gêneros

⁸⁶ LINDBERG, Michael; TODD, Daniel. Brown-, **Green- and Blue-Water Fleets**: The Influence of Geography on Naval Warfare, 1861 to the Present. 1st ed. Westport: Praeger, 2001. p. 144.

⁸⁷ Middlebrook, 2012, p. 379.

alimentícios, além de reparos em equipamentos e limitações humanas. No caso específico, limitação logística relacionada ao suprimento de gêneros alimentícios impunha um horizonte de permanência de até 15 semanas (aproximadamente 105 dias) para os três submarinos envolvidos⁸⁸. Considerando que o conflito durou cerca de 75 dias, seria inevitável, em caso de prolongamento, a retirada temporária desses meios para recebimento de suprimentos, o que exigiria rodízio planejado e apoio logístico robusto. Isso evidencia que, mesmo com propulsão nuclear, a capacidade de sustentação prolongada requer uma força naval numerosa, bem apoiada e adequadamente planejada para teatros distantes.

⁸⁸ Middlebrook, 2012, p. 65.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a apresentação dos fundamentos teóricos relativos à Doutrina de Emprego de Submarinos, desenvolvida no Capítulo 2 e da exposição detalhada das ações dos SSN do Reino Unido durante a Guerra das Malvinas, descrita no Capítulo 3, procedeu-se, no Capítulo 4, à análise crítica dessas operações à luz dos princípios doutrinários adotados pela Marinha do Brasil. Com base nesse percurso analítico, re-toma-se, neste Capítulo conclusivo, a pergunta central que orientou esta dissertação: como a Marinha do Reino Unido empregou seus submarinos nucleares de ataque durante a Guerra das Malvinas?

Diante dessa questão constata-se como verdadeira a premissa inicial, de que a presença e a atuação desses vetores navais foram decisivas para a consolidação do domínio marítimo britânico. Em que o emprego desses meios trouxe um resultado estratégico considerável, como o recuo da Armada Argentina a sua costa continental.

Relativamente ao modo de emprego, foi realizada a decomposição cronológica das Tarefas e Efeitos do Poder Naval desempenhados pelos SSN, em que se observou um resultado duradouro e estrategicamente relevante ao longo do conflito, especificamente a partir do ataque realizado pelo HMS Conqueror ao cruzador ARA General Belgrano. Esse ataque direto, apesar de isolado, foi responsável pelas maiores baixas argentinas provocadas por meios britânicos em toda a campanha, evidenciando, assim, o potencial ofensivo desses vetores em operações navais.

O contraste entre o desempenho das forças submarinas dos dois países é marcante. O Reino Unido, além de vencer o conflito, logrou com que um de seus SSN executasse a mais expressiva ação ofensiva da campanha. Esse contraste tende a produzir um viés interpretativo recorrente: as ações do lado derrotado são mais frequentemente escrutinadas, ao passo que as limitações do lado vitorioso muitas vezes permanecem menos expostas.

No entanto, conforme apurado por esta pesquisa, os SSN britânicos enfrentaram razoáveis limitações operacionais, sobretudo em operações conduzidas em águas rasas e geograficamente complexas, fora dos tradicionais parâmetros de engajamento torpédico. Os submarinos Spartan e Splendid, embora tenham sido os primeiros meios de guerra a chegarem à área de operações e tenham desempenhado funções relevantes de vigilância e patrulha, visando a negação do uso do mar, não

lograram êxito em detectar e engajar os principais alvos de valor da Armada Argentina, como o Navio Aeródromo Veinticinco de Mayo.

As operações dos SSN britânicos demonstraram, em outro plano, notável compatibilidade com os fundamentos da Doutrina Militar Naval brasileira, especialmente no que se refere ao Campo de Atuação do Poder Naval Defesa Naval. A conquista dos Efeitos relacionados à Tarefa de Negar o Uso do Mar, revelou-se fator essencial, possibilitando o sucesso na Tarefa de Projetar Poder com a consecução do Efeito de Defesa e Retomada de Ilhas Oceânicas. Este último, fundamental para a retomada das Malvinas.

Ainda que os resultados operacionais tenham sido pontuais, o impacto psicológico e dissuasório da presença dos SSN na zona de conflito foi significativo. Tal influência ficou evidente na decisão argentina de não retirar suas tropas de desembarque por via marítima, optando por alternativas menos vulneráveis, além da retração de seus meios navais para as proximidades da costa continental. A eficácia dos submarinos nucleares, contudo, mostrou-se condicionada a fatores ambientais, à natureza dos alvos e às eventuais limitações tecnológicas da frota inimiga, aspectos que não foram objetos de aprofundamento neste estudo. A experiência britânica, apesar do êxito final, reforça desde então a importância da constante revisão doutrinária no emprego de meios navais, especialmente considerando os desafios impostos por cenários distintos daqueles para os quais os meios foram originalmente concebidos.

Portanto, a Guerra das Malvinas demonstra realmente a importância dissuasória exercida pela presença de submarinos nucleares de ataque numa área de conflito, mas os resultados operacionais alcançados pelos SSN do Reino Unido e certas limitações de emprego, seja devido à profundidade local ou pela constatação que a ilimitada autonomia de combustível, não significa autonomia ilimitada, visto que, há fatores humanos, de manutenção geral ou mesmo de gêneros alimentícios, que impõe limites razoáveis ao emprego desses meios em um conflito.

Em cenários de conflito prolongado, especialmente em áreas afastadas de bases navais e diante de um inimigo com capacidade de manter um esforço de guerra sustentado, torna-se evidente que apenas um submarino nuclear de ataque não seria suficiente para garantir uma dissuasão duradoura e efetiva. Assim, ainda que o Reino Unido contasse com a vantagem de dispor de três submarinos nucleares de ataque em efetiva operação ao longo do conflito, é plausível considerar que o desfecho poderia ter sido distinto caso as hostilidades se estendessem por um período maior.

Ressalte-se, nesse contexto, que o deslocamento posterior dos SSN HMS Valiant e HMS Courageous pode ter sido planejado para assegurar a continuidade da presença dissuasória britânica, viabilizando um revezamento com o Spartan, o Splendid e o Conqueror, caso o conflito se prolongasse.

Nesse contexto, a história talvez tenha legado ao Brasil uma valiosa oportunidade de reflexão estratégica: quantos submarinos nucleares de ataque seriam necessários para que a Marinha do Brasil projete, de maneira efetiva, a capacidade dissuasória que almeja exercer em seu entorno estratégico? Trata-se de uma indagação pertinente, capaz de orientar futuras investigações sobre o dimensionamento ideal dessa capacidade no cenário internacional atual.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Marinha. Estado-Maior da Armada. **EMA-301: Fundamentos Doutrinários da Marinha (FDM)**. 1. ed. Brasília, DF: EMA, 2023.

BÜSSER, Carlos A. C. **Reflexiones y experiencias sobre la recuperación de las Malvinas**. Boletín del Centro Naval, n. 816, ene./abr, 2007. p. 85.

CHURCHILL, Winston S. **The Second World War: Volume II – Their Finest Hour**. London: Cassell & Co., 1949. p. 529.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. **Falkland Islands War**. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Falkland-Islands-War>. Acesso em: 13 jun. 2025.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. **Submarine: naval vessel**. Disponível em: <https://www.britannica.com/technology/submarine-naval-vessel>. Acesso em: 7 maio 2025.

FALKLANDS AIR WARFARE. **The air war in the South Atlantic**: strategic impact of naval assets. London: Defence Studies Group, 2012. Acesso em: 25 jun. 2025.

FRIEDMAN, Norman. **U.S. Submarines Since 1945**: An Illustrated Design History. Annapolis: Naval Institute Press, 1994. p. 109–130.

HORTON, Edward. **The illustrated history of the submarine**. London: Phoebus Publishing Company, 1974. p. 8-10.

JANE'S FIGHTING SHIPS. 1982–83. London: **Jane's**, Information Group, 1982. p. 546.

LINDBERG, Michael; TODD, Daniel. Brown-, **Green- and Blue-Water Fleets**: The Influence of Geography on Naval Warfare, 1861 to the Present. 1st ed. Westport: Praeger, 2001. p. 144.

MARSH, Sarah. In Buenos Aires and Brian Winter in São Paulo; editing by Richard Lough and Jonathan Oatis. **Chronology: Argentina's turbulent history of economic crises**. Reuters. Disponível em: www.reuters.com/article/business/chronology-argentinas-turbulent-history-of-economic-crises-idUSKBN0FZ23N/. Acesso em: 28 fev. 2025.

MERCO PRESS. **Falklands 40 years**: HMS Spartan, first British submarine to arrive in war zone, returned to Plymouth ten days after Argentine surrender. MercoPress, 24 jul. 2022. Disponível em: <https://en.mercopress.com/2022/07/24/falklands-40-years-hms-spartan-first-british-submarine-to-arrive-in-war-zone-returned-to-plymouth-ten-days-after-argentine-surrender>. Acesso em: 13 jun. 2025.

MIDDLEBROOK, Martin. **The Falklands War**. [S.l.]: Pen & Sword Military, 2012. Apêndice 1. Disponível em: <https://www.perlego.com/book/2446722>. Acesso em: 13 jun. 2025.

MILITARY HISTORY CHRONICLES. **Submarine Intelligence in the Falklands War**. 2022. Disponível em: <https://militaryhistorychronicles.subs/intel-falklands>. Acesso em: 25 jun. 2025.

NATO. STANAG 1166 (Edition 6): **Standard Ship Designator System**. Brussels: Military Agency for Standardization, 2000. p. A-1.

PICARD, Michel; TERTRAIS, Bruno. **La propulsion nucléaire, un savoir-faire indispensable à la souveraineté nationale**. Paris: Fondation pour la Recherche Stratégique, 2006. p. 66.

SMITH, Gordon. **Battle Atlas of the Falklands War 1982**: by land, sea and air. Penarth: Naval–History.Net, 2006. Publicado originalmente por Ian Allan, 1989. Revisado em 2006. p. 36.

UNITED STATES NAVAL INSTITUTE. A different angle of attack. **Proceedings**, Annapolis, v. 123, n. 8, ago. 1997. Disponível em: <https://www.usni.org/magazines/proceedings/1997/august/different-angle-attack>. Acesso em: 13 jun. 2025.

WOODWARD, Sandy; ROBINSON, Patrick. **One Hundred Days**: The Memoirs of the Falklands Battle Group Commander. London: HarperCollins, 1992. p. 95.